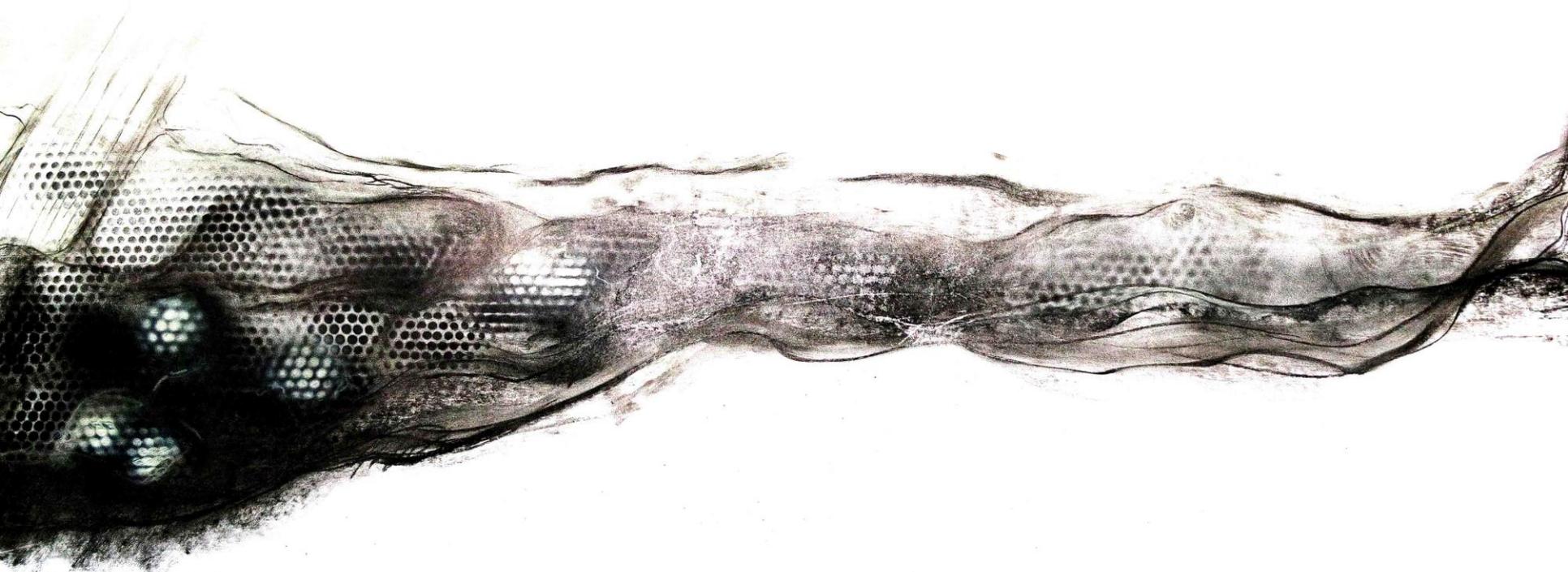


reflexões sobre
ARTEvisual
v. 1 n. 5 novembro de 2020



Arte Visual: Vocação ou Formação?

Professor Dr. Isaac A. Camargo

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Edição:

v.1 n.5 novembro 2020

Periodicidade: quinzenal

Capa: Escamas. Desenho a carvão e tinta acrílica, 2020, Isaac

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

PRÓLOGO:

Vocação é algo que, supostamente, é inerente às pessoas e que as orienta para o caminho que as deixa mais à vontade.

Formação, por sua vez, decorre de escolhas feitas pela pessoa para trilhar um ou outro caminho que pode ser igual ou diferente ao indicado ou condicionado à *Vocação*.

Minha formação, por exemplo, seguiu o interesse que sempre demonstrei pelo gosto por processos de confecção e uso de ferramentas, instrumentos, máquinas, aparelhos e que, de um modo ou de outro, eram dependentes de habilidades domínios e recursos manuais.

Minha trajetória acadêmica se iniciou na graduação em Licenciatura em Desenho e Plástica, continuou com o Mestrado em Educação e no Doutorado em Comunicação e Semiótica, sempre no contexto da Arte Visual e seu ensino desde minha atuação, a partir de 1976, no Ensino Superior em instituições públicas: UEL no Paraná, UFU em Minas Gerais, UFSC em Santa Catarina e UFMS em Mato Grosso do Sul. Com isto, tive oportunidade de lidar com a Arte em ambiente de ensino e pesquisa no processo de formação de educadores e profissionais na produção e difusão de Arte Visual e seu conhecimento. Digo isto a título de apresentação.

As reflexões que trago por meio destas publicações não são, necessariamente, textos acadêmicos. Os textos acadêmicos têm características próprias, amparados ou subsidiados pela Academia nas instituições de Ensino que os concebe e publica. Neste caso, embora sejam desenvolvidos no contexto docente, é autoral e sua principal função é difundir conteúdos visando facilitar a compreensão da Arte Visual por parte dos estudantes vinculados às disciplinas com as quais trabalho e, ao mesmo tempo, contribuir com as pessoas que têm interesse em saber um pouco mais à respeito deste campo tão interessante que é a Arte.

Embora os textos tenham uma certa profundidade, não pretendem ser herméticos ou complexos mas construídos com para serem lidos e apreendidos rapidamente. Por isto os temas variam entre questões históricas, conceituais e acontecimentos que chamam a atenção pela curiosidade ou estranhamento. Os temas são proposições que passam pelas teorias, análises, percepções e, às vezes, pelo meu fazer artístico pois, dada minha formação no campo da Arte não deixo de dialogar com os processos poéticos, mesmo que sazonalmente, pois são também modos de compreender as teorias, exemplificar ou desdobrar os conhecimentos e práxis que a Arte Visual requer.

Para este texto parti da relação entre *Vocação* e *Formação* no contexto da Arte Visual.

Durante muito tempo houve a compreensão de que Arte dependia de dons e sua motivação vinha da inspiração que surgia, como que por encanto no processo de criação artística. Esta versão acreditava que quem produzia Arte o fazia por uma certa “dotação mística” que nada tinha a ver com as pessoas comuns. Esta “predestinação” seria inerente ao indivíduo, um traço genético, que o diferenciava dos demais. Por oposição, as pessoas que não tivessem a sorte de nascer com tais desígnios, estariam fadadas à incapacidade de realizar Obras de Arte e até mesmo de apreciá-las.

Mundo triste o delas... Que graça teria se não soubessem ou não pudessem apreciar as manifestações artísticas. Para elas não teria sentido a Música, a Poesia, Literatura, o Teatro, a Dança, a Arte Visual ou Audiovisual. Que vida sem graça... Elas nunca desfrutariam das afetividades e das emoções estimuladas pela produção artística que, pasmem, motivou boa parte da humanidade ao longo dos milênios nas mais diferentes civilizações que surgiram desde o princípio. Mas posso dizer que as pessoas são capazes tanto de apreciar como produzir Arte independente de sorte ou condicionantes genéticas, basta interesse e orientação.

Vocação e Formação Artística.

Vocação vem do latim *vocare* = *chamar*, algo que atrai ou que chama alguém. Independente do aspecto subjetivo e intrínseco que tal palavra possa sugerir, pode-se entender a *Vocação* como uma *tendência*, uma *pré-disposição* para fazer ou entender algo. Tal tendência se revela por meio de preferências, habilidades e gostos, contudo não significa, necessariamente, um “chamado” para o cumprimento de uma missão... Gostar ou preferir algo não é um sinal de que a pessoa deve cumprir esse desígnio a qualquer custo: *Vocação* não é *Compulsão*!

Fazer algo que se gosta é bom mas não é tudo.

Há vários fatores que definem ou determinam as escolhas que as pessoas fazem para organizarem suas vidas pessoais, sociais e profissionais, mas, nem sempre, tais fatores levam em conta habilidades, gostos ou preferências.

Vocação, portanto, não é uma predestinação genética inexorável, mas no mínimo um indicativo de possíveis áreas de atuação desde que os demais fatores como interesses, necessidades individuais e sociais sejam considerados.

Bem, acredito que tenha clareado a ideia de *Vocação* aqui apresentada e possa passar para o segundo aspecto: a *Formação*.

Bem, se alguém têm uma Vocação, no sentido aqui apresentado, ela se manifestará em vários momentos de sua vida como preferência ou gosto revelando uma tendência motivadora ou prazerosa por algo. Como disse, isto não determina ou define o que ela deve fazer de sua vida, apenas mostra uma área na qual tem interesse ou facilidade. Pode-se dizer então que este interesse pode motivá-la a procurar algo que supra este interesse e que, por acaso, pode estar no campo da Arte, como também em qualquer outra área do conhecimento e dos fazeres humanos. Há testes vocacionais que indicam as tendências e preferências dos indivíduos.

Tais testes são *indicadores* e não *determinantes* de que se a pessoa não cumpri-los não terá sucesso em suas escolhas profissionais.

Sabe-se que muitos físicos não tinham muito interesse na matemática, campo essencial para o ensaio de suas teorias e proposições, mesmo assim se tornaram grandes profissionais na área. Bem, aqui entra a questão da Formação.

Formação, também do latim, *formationis = constituir, criar*. Pode ser entendida como o modo pelo qual uma pessoa é criada, educada e constitui seu caráter, personalidade, domínios e habilidades.

Pode-se dizer que a **Vocação** tem caráter interno e a **Formação** externo, ou seja, a primeira vem de dentro para fora e a segunda de fora para dentro. Assim, podem ser complementares, uma e outra podem contribuir para a constituição integral do indivíduo.

Enquanto a **Vocação** indica preferências, a **Formação** molda a pessoa segundo as necessidades ou determinantes pessoais e sociais.

Tendo em vista estas duas vertentes, é necessário analisar os potenciais decorrentes da **Vocação** e como orientá-los para a **Formação** para que estas duas possibilidades facilitem a elaboração de um projeto pessoal ou profissional mais consciente.

O grande problema do conceito de **Vocacional** é a confusão que se fez com o ensino técnico, voltado para habilidades psicomotoras necessárias ao sistema produtivo. É fato que muitas instituições de ensino, em vários países, adotaram a terminologia de **Vocacional** para se referirem à formação técnica, em geral, no nível de ensino médio ou pré-universitário. Este uso acabou gerando a confusão que se tem hoje entre **vocacional** e **técnico**. Contudo é necessário entender que **vocação** pode ser associada à formação sem prejuízo de uma ou outra. Reforço dizendo que **Vocação** é **motivação** e **Formação** é o **percurso de aprendizagem**.

Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain, publicaram em 1947 o livro *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*, no Brasil apareceu bem tarde, em 1977. Os autores apontam em seu livro aspectos do desenvolvimento infantil baseados na expressão da forma, ou seja, por meio de garatujas e desenhos conseguem identificar fases do desenvolvimento emocional e social das crianças. O trabalho foi significativo para entender os processos cognitivos humanos, especialmente o processo criador ou criativo desenvolvido pelas crianças na formação de sua identidade e personalidade. Constatam que os modos como as crianças expressam as formas em seus trabalhos correspondem ao estágio de seu desenvolvimento cognitivo.

Nesse caso, a abordagem recorre a desenhos, pinturas e imagens produzidas pelas crianças em diferentes faixas etárias, tais imagens revelam variações substanciais em cada faixa indicando em que estágio está o desenvolvimento cognitivo da criança. Portanto, a abordagem não implica em identificar se o indivíduo revela motivações de caráter artístico/estético, mas sim se está desenvolvendo adequadamente suas capacidades intelectuais. Nesse caso, recorrer às habilidades gráficas ou pictóricas como um meio ou instrumento de análise para identificar defasagens em níveis de aprendizagem e não vocação.

Recorri aos autores Lowenfeld e Brittain, para reforçar a ideia de que vocação não é fator determinante de desenvolvimento e que procedimentos tidos como artísticos também podem ser usados como instrumentos de diagnóstico pedagógico e mesmo de personalidade. Isto não tem a ver com Vocação, mas com Formação.

Voltando à questão da Vocação, vou relaciona-la agora a um outro aspecto da motivação para a Arte. Sabe-se também que muitos artistas nunca frequentaram escolas de Arte, informais ou formais. Muitos deles simplesmente optaram por seguir este caminho e conseguiram bons resultados.

O que isto significa? Que atenderam a uma demanda vocacional?

Estes artistas são chamados de *Autodidatas*, ou seja, alguém que descobriu, percebeu, de um modo ou de outro, interesses, habilidades e competências para a criação artística. Não se pode negar que demonstram, *a priori*, uma Vocação.

Ao olharmos, no percurso da História da Arte, para os primeiros artistas que surgiram na pré-história, pode-se dizer que eram “auto vocacionados”, simplesmente porque não havia ninguém que os ensinasse ou estimulasse a criar imagens. Era o indivíduo que determinava e assumia seu próprio caminho.

Não havia qualquer informação sobre como fazer ou se comportar no campo da Arte ou dos fazeres das imagens, portanto, tais indivíduos criaram tanto os processos, procedimentos, instrumentos quanto buscaram os materiais necessários para plasmar nas paredes das cavernas sua Vocação... Aqui sim, pode-se dizer que foram motivados pelo seu interesse pessoal e, por meio dele, conseguiram obter resultados fabulosos. Contudo isto dura alguns milênios, até o desenvolvimento dos processos de Formação. A partir daí entram as oficinas, os ateliers e depois as academias e escolas de Arte, enfim o processo, antes vocacionado, se torna formalizado.

Pode-se dizer que a origem das manifestações artísticas migram dos processos Vocacionais para os procedimentos de Formativos e formais.

Neste sentido, parece haver uma superposição da Vocação pela Formação. Contudo, não se pode dizer que isto tenha sido bom ou ruim, apenas que formalizou e formatou processos e procedimentos de ensino no intuito de facilitar a sistematização do conhecimento, tornando-o mais eficiente e consistente. Se nos primeiros tempos da humanidade a vocação estimulava as pessoas a se dedicarem aos fazeres, a partir do ensino regular, isto passou a ser mais uma escolha, uma opção do que vocação.

Portanto, independente de gosto, interesse ou tendência uma pessoa pode optar por um caminho de Formação que contemple ou não tais características. É o triunfo do livre-arbítrio... Neste caso, o autodidata seria o supprassumo deste processo pois faz suas escolhas movido pelos seus interesses e tendências sem se preocupar com as formalidades. Obviamente os domínios técnicos, conceituais, estéticos, instrumentais, etc. etc. deverão ser adquiridos e em geral são realizados por meio de tentativa e erro. Ao mesmo tempo, há questões relacionadas à vigência de sua produção, ou seja, a compatibilidade com seu tempo e lugar.

Quando as manifestações da Arte Visual dependiam quase que exclusivamente das habilidades psicomotoras para serem realizadas e os temas e assuntos estavam prescritos pelas mitologias, história, religião, encomendas da nobreza, da igreja ou da burguesia, bastava dominar tais habilidades com maestria no atendimento do gosto reinante que o artista teria sucesso ou, pelo menos, meios para sustentar sua existência. No entanto, isto muda com o advento da Modernidade. A partir do final do século XIX os artistas rompem com o modelo e tradição anteriores e aí os problemas começam.

O que disse antes como “vigência”, se refere à pertinência de um dado tipo de criação, produção, vinculada ao lugar e ao período em que se produz Arte. Não se espera ou não há lógica em considerar que os fatores que motivaram os seres humanos na pré-história sejam os mesmos que motivam os artistas atuais a produzirem seus trabalhos. Para cada tempo e lugar um tipo de manifestação artística...

Portanto, um dos fatores relevantes para avaliação da produção artística de uma época ou lugar é justamente sua sincronicidade e pertinência, caso contrário é chamada de anacrônica se vêm do passado ou de vanguarda se aponta o futuro.

“Estar no seu tempo e lugar” pode ser apenas um indicador de conformismo, de estabilidade e não, necessariamente, de sincronicidade. Portanto, as manifestações artísticas, a partir do Modernismo, assumiram sua autonomia e identidade em função da liberdade expressiva, estética e conceitual, deixando de lado as amarras vindas dos estamentos sociais aos quais estiveram vinculadas ou constrangidas, assim surgiu a Arte Moderna, depois a pós-Moderna ou Contemporânea.

Romperam-se também as fronteiras do que se poderia chamar de Arte boa ou má, de bela ou feia instaurando também uma crise na crítica de Arte...

Dada à liberdade de escolha das possibilidades criativas instauradas a partir do advento do Modernismo, foi possível ampliar substancialmente as possibilidades de manifestações artísticas nas quais as habilidades técnicas foram suprimidas, neste sentido, as manifestações conceituais passaram a ser recorrentes ampliando a possibilidade de que mais pessoas pudessem exercer suas vocações, impulsos ou interesses artísticos com mais facilidade. As manifestações atuais quase que voltaram à vernacularidade que instaurou a Arte nos seus primeiros tempos. Assim, a Vocação/motivação concorre e dialoga com a Formação/preparação.

Ao mesmo tempo, no país, o Ensino no campo da Arte tornou-se mais especializado. A maior parte da formação migrou para o nível superior.

As antigas escolas de Artes e Ofícios, paralelas às Academias de Belas Artes, se profissionalizaram em escolas técnicas as Belas Artes migraram para as Artes Plásticas e Artes Visuais devido ao anacronismo de sua vigência temporal. A obrigatoriedade do Ensino de Arte, na década de 1970 nos níveis fundamentais do ensino no país obrigaram as instituições de ensino superior a organizar cursos de formação em Arte Educação.

A inclusão da Educação Artística promovida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 5692/71, cria um hiato entre a existência de Arte Educadores preparados para atuar no ensino de primeiro e segundo graus, como eram chamados na época. A obrigação de manter disciplinas de Educação Artística é anterior à formação de profissionais para exercer esta função. A partir de 1974, as instituições de Ensino Superior passam a oferecer as Licenciatura de Educação Artística. Algumas já mantinham cursos de formação em Arte, normalmente bacharelados dedicados a formar profissionais para a práxis artística, mas não para educar crianças e jovens adolescentes nesse campo.

A partir daí muitas instituições simplesmente adaptaram seus currículos de acordo com o que a indicação N.1462/73 do MEC determinava, alterando a nomenclatura das disciplinas sem mudar seus projetos pedagógicos ou mesmo os conteúdos ministrados.

A visão conservadora das instituições de ensino que realizavam a formação no campo da Arte Visual as impedia de aceitar as novas disposições pedagógicas, quer por questões de apego ao que já faziam ou de oposição ao governo militar que impunha sua vontade ao sistema educacional. De um modo ou de outro, esta disputa levou a uma revisão substancial do Ensino no campo da Arte.

Pelo mal ou pelo bem, tal revisão contribuiu para definir, a meu ver, duas coisas importantes no Ensino em Arte: uma foi o reconhecimento da Arte como campo de Conhecimento e, a segunda, além de campo de Conhecimento, sua consolidação como área de formação em nível superior no país com Bacharelados ou Licenciaturas.

Reconhecer a Arte como área de conhecimento em nível superior possibilitou, principalmente, o desenvolvimento de pesquisas dedicadas ao aprofundamento dos saberes relativos à esta área.

Neste sentido foi possível, inclusive, identificar duas subáreas: a da Pesquisa *sobre* Arte e a da Pesquisa *em* Arte.

Explicando: o Bacharelado é uma formação de caráter liberal, ou seja, o profissional é preparado para exercer uma atividade social dentro de um campo específico de conhecimento. É o caso da Engenharia, Medicina, Direito e outras áreas em que tais profissionais se dedicam a uma atividade pragmática, nesse caso a produção e estudo em Arte. A Licenciatura prepara profissionais para o exercício do ensino em nível fundamental e médio, são qualificados para lidar com o contexto pedagógico, com menos aporte técnico ou pragmático no campo das poéticas ou domínios artísticos.

No âmbito da Pesquisa, pode-se dizer que a Pesquisa *sobre* Arte se refere a toda investigação que tem como objeto a Arte nas suas diferentes manifestações culturais, teóricas, conceituais e pragmáticas. Não se dedica aos processos constitutivos das obras de arte em si. A Pesquisa *em* Arte mobiliza os produtores, os artistas, na realização de sua produção. Diz respeito aos processos e procedimentos criativos, criadores e poéticos que orientam seus fazeres independentes de predeterminantes teóricos. É Obvio que nenhum artista está isento do conhecimento de sua cultura ou de seu tempo, apenas não desenvolve seus trabalhos a partir de tais referenciais acadêmicos.

A Pesquisa em Arte define a produção artística e a Pesquisa sobre Arte sua teorização, conhecimento e aprofundamento, uma e outra são relevantes para a formação de alguém que se dispõe a atuar no campo da Arte, seja como criador ou teórico.

Acredito que aqui tenha chegado ao ponto em que a ideia de *Formação* assume importância definitiva no contexto da Arte e consolida a ideia de que nem só de *Vocação* e *Inspiração* vive a Arte.

Como campo de Conhecimento a Arte depende tanto da produção poética quanto intelectual, teórica e conceitual.

Os artistas, produtores, criadores, autores têm toda a liberdade do mundo para exercerem seus fazeres de acordo com suas proposições, tendências, gostos, estímulos e vontades, mas ao contrário dos produtores, os estudiosos não tem a liberdade de fazerem o que bem entendem no campo dos estudos sobre Arte.

Ao longo do tempo várias teorias foram desenvolvidas para abordarem o fenômeno artístico e tem sido elas que orientam os estudos neste campo de conhecimento. Pode-se dizer que uma das primeiras teorias e aproximação com a Arte é a Filosofia. Os primeiros estudos dos gregos sobre ela até hoje influenciam este conhecimento.

Vários filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles, Plotino entre outros, tomaram a Arte como objeto de pensamento e reflexões definindo uma linha de raciocínio que chegou ao contexto da Estética, como campo de estudo ou ciência da Arte.

Mais tarde, na Idade Moderna, surgiram os primeiros historiadores como Giorgio Vasari e Leon Batista Alberti.

Outros campos de estudos contribuíram e contribuem para o desenvolvimento científico do conhecimento sobre Arte como a arqueologia, antropologia, etnografia, sociologia, fenomenologia, psicologia, semiótica entre outros.

Pode-se dizer que o campo de estudo da Arte assume características multidisciplinares e interdisciplinares dadas suas características culturais e humanas. A Arte, tanto como campo de Conhecimento quanto área de produção é tão importante e significativa como qualquer outra, o problema é que o sistema social não a vê com os mesmos olhos com que vê os meios de produção econômica. Por isto, os investimentos em educação e cultura são reprimidos em relação aos investimentos em áreas que visam a produção de divisas, mesmo que sejam em detrimento do meio ambiente ou das pessoas, é o mundo das *commodities*...

Mas, Arte não é *commodity*, é bem cultural. Patrimônio imaterial da humanidade.

Belas palavras, só que não...

“Da boca para fora” é fácil defender posições que reconhecem a importância desta área no contexto social e humano, contudo definir e manter políticas públicas para garantir isto é outra história.

Este é um mal que assola a humanidade. A justificativa maior é que há investimentos mais importantes ou prioritários do que os culturais, por isso, educação e cultura ficam à mingua. Então não basta gostar, é necessário lutar para mudar.

Vocação e Formação: eis a questão...

Não querendo andar em círculos, Vocação e Formação parecem se conectar o tempo todo.

Disse que a origem das primeiras manifestações artísticas da humanidade brotaram da Vocação mas que atualmente os estudos no campo do conhecimento em Arte investem na Formação.

Me parece um ciclo lógico: num primeiro momento a humanidade percebe, constata, observa e só depois formaliza os conhecimentos.

O processo cultural é assim, primeiro se apropria, usa, constata e depois transforma.

Não há como ignorar que estas duas tendências estão em constante diálogo. Tanto os interesses e motivações quanto os processos de realização das Obras de Arte dependem de um e de outro.

Se não houver motivação não há produção.

A questão é: a que tipo de motivação se refere? Como se viu, há motivações de caráter subjetivo, interno, que estimulam a produção artística. Tais motivações são, vamos dizer, desinteressadas. Visam apenas dar vazão ao prazer, necessidade ou interesse pessoal. No entanto, há motivações externas que também podem contribuir.

As motivações externas também são relevantes para definir a escolha de um projeto ou carreira profissional.

Uma das principais parece estar relacionada ao Mercado de Trabalho.

O sistema econômico sob o qual a sociedade atual vive é baseado em poder aquisitivo. Só se sobrevive se o que se faz é passível de obter ganhos e prover o sustento do indivíduo e sua legitimação via o capital. Caso contrário, será destinado à marginalidade, à pobreza e desassistência social já que atividades alternativas e informais não garantem a cidadania nem a sobrevivência do indivíduo.

O amparo para manutenção da vida ou de condições mínimas de sobrevivência só são concedidas mediante regras explícitas de indigência econômica e social.

O sistema discrimina e pune indiscriminadamente quem, por um motivo ou por outro, não se enquadra nas regras. Por isso disse que uma das motivações externas principais é o Mercado de Trabalho, quem se alija dele está fadado à indigência e ao entrar nela é garantia de punição. A maior pena sem culpa da história...

Em geral, seguir vocações não respaldadas pelo sistema é antecipar essa “culpa”.

Por mais que alguém goste ou tenha interesse pela Arte irá pensar mil vezes antes de definir por uma carreira nessa área. Quem faz isto está, em geral, na contramão do sistema.

Quando se fala em Mercado de Trabalho o que se quer dizer é qual o potencial ou possibilidade de alguém, dentro de sua formação, habilidades ou competências tem de exercer atividades que lhe possa prover o sustento embora, nem sempre, com dignidade. Nesta linha de raciocínio, qual é a possibilidade de alguém que opta por uma formação em Arte sobreviver nesta área?

Bem, vamos ponderar a respeito:

Como disse, a maior parte dos cursos de formação específica em Arte se encontra no nível superior, portanto, quem optar por esta formação deverá fazer um curso superior dedicado a ela. No caso da Arte Visual, há duas vertentes principais: a Licenciatura e o Bacharelado.

Como já expliquei, a Licenciatura se dedica a preparação de profissionais para o ensino fundamental e médio. Neste caso, estes profissionais têm maior garantia de acesso ao Mercado de Trabalho formal e dentro do sistema oficial de ensino em escolas que mantêm em seus currículos as disciplinas de Ensino de Arte.

Por outro lado, os Bacharéis, parecem ter menor chance de trabalho formal, pois não estão habilitados para atuar no ensino nos níveis iniciais. Vale destacar que podem atuar no ensino superior, mas como em toda área de ingresso para o Ensino Superior precisam ser pós-graduados em nível de mestrado e doutorado, o que significa, pelo menos, mais seis anos de formação. Para atuar no ensino público é necessário a aprovação em concurso específico. As questões aqui apontadas dizem respeito ao campo do ensino, mas ainda resta o mercado em geral. Quais são as possibilidades nele para os Bacharéis em Artes Visuais?

A primeira possibilidade, é a mais tradicional delas: a produção artística. Na medida em que se opta por ela é necessário desenvolver projetos de criação compatíveis com o contexto social e cultural no qual se encontra. Esta produção pode ser destinada ao mercado primário como as galerias de Arte ou ao sistema cultural como salões, mostras e exposições que, nem sempre, garantem retorno financeiro, mas servem para iniciar, reforçar ou consolidar carreiras e aí, quem sabe, obter retorno econômico. Pode-se ainda caminhar por atividades ou ramos paralelos considerando algumas habilidades e competências.

É possível trabalhar na área de ilustração desde que domine habilidades de desenho e pintura tradicionais ou digitais e atendam às propostas editoriais às quais venham a se integrar.

Podem atuar em ramos paralelos da Arte Visual numa tendência que surgiu nos últimos anos: Economia Criativa na qual se inserem pessoas como habilidades artesanais e/ou artísticas buscando um mercado na economia menos convencional por meio de projetos e programas institucionais ou governamentais.

Por falar em programas governamentais, existem editais em municípios, estados e na federação que possibilitam o financiamento de projetos em Arte.

Sabe-se que o bacharel é, por definição, um empreendedor, por estar no campo dos Profissionais Liberais, neste caso o Artista Visual é potencialmente um empreendedor, logo, é capaz de desenvolver atividades de produção em Arte ou Imagéticas no contexto criativo ou comercial, no meio artístico ou comercial como o da publicidade, propaganda ou decoração. Pode ainda desenvolver atividades correlatas ao Design. O Design é um curso específico para gestão e produção no campo de produtos: objetos, gráfico, WEB, moda, etc. mas não é um mercado estranho ao bacharel em Arte Visual.

Ainda, dado ao conhecimento que os egressos em Arte Visual detêm, são capazes de atuar também em ambientes de pesquisa sobre Arte em instituições públicas ou privadas. Podem assessorar atividades comerciais em Arte em Galerias comerciais, casas leiloeiras ou ainda assessorar carreiras de artistas ou colecionadores. Na iniciativa privada podem constituir suas próprias galerias, ateliers para produção ou mesmo de ensino informal em cursos na área de Artes Visuais, sejam em poéticas ou teoria. Embora não seja fácil, são perceptíveis as possibilidades de atuação do Bacharel em Arte Visual.

Com o advento da rede mundial de computadores, nas últimas décadas o fenômeno das Redes Sociais têm se mostrado como uma nova possibilidade na área de Arte Visual. O número de Galerias Virtuais cresceu enormemente, especialmente após a pandemia. Os espaços físicos tem sido substituídos ou complementados por ambiente virtuais, mesmo as Galerias tradicionais tem investido nessa possibilidade. Surgiram também ambientes colaborativos onde artistas, produtores e negociantes de Arte podem se vincular e atuar sem muita complicação ou necessidade de criar sites pessoais.

Ambientes expositivos virtuais abertos são comuns na rede mundial e livres para que os produtores apresentem seus trabalhos e tentem vendê-los. Há ainda na rede diversas chamadas para eventos destinados à mostras, concursos e outras possibilidades de inserção virtual que podem contribuir para inserção no mercado físico.

Como se vê opções não faltam, contudo é necessário iniciativa e proatividade, como em tudo na vida...

A proatividade é o oposto do acomodamento ou conformismo que, muitas vezes, têm sido atribuídos ao comportamento artístico.

Há um certo preconceito em relação a quem se dedica à Arte. Talvez por conta de uma visão idílica ou romântica (no mal sentido), de que artistas são pessoas egocêntricas, desleixadas, inconstantes e pouco afetas ao meio social. A figura do Artista excêntrico tem alimentado contos, novelas e filmes que, ao contrário de clarear o campo da Arte, acabam por contribuir mais e mais para sua incompreensão e apagamento.

Tenho a consciência de que é um campo complexo e difícil como são outras áreas de atuação na sociedade. Obter reconhecimento e estabilidade na sociedade não é fácil.

Admito que, na Arte, este reconhecimento seja mais difícil e lento de se obter. O mercado de Arte é constituído por dois segmentos principais: o Primário, em geral constituído pelos artistas, galerias e marchands que se dedicam ao comércio de Obras de Arte. O Secundário constituído, principalmente, pelos investidores, colecionadores que usam o mercado para produzir lucros substanciais com acervos e espólios artísticos, fazem parte deste contexto as casas leiloeiras e as grandes galerias que negociam e comercializam artistas já consagrados ou induzidor por eles à uma consagração subsidiada para fins econômicos.

O mercado secundário é o que cria eventos e mídia em torno de valores estratosféricos e fabulosos recorrendo a obras do passado ou de alguns artistas que caem nas graças de investidores contumazes que alavancam nomes ou obras unicamente para colher lucros. Este ambiente é composto por agentes que atuam de acordo com o mercado especulativo à semelhança dos mercados de ações e ativos financeiros. Este universo não é aberto e não basta fazer parte do circuito de Arte para participar dele, é necessário ser “escolhido” ou reconhecido como potencialmente viável para integrar este universo.

Pouquíssimos artistas fazem parte deste universo na atualidade, em termos mundiais não passam de centenas.

Neste contexto, as obras negociadas no mercado primário, ao atingir ou chegar ao mercado secundário, não traz vantagem financeira aos artistas já que não há legislação que obrigue tais instituições a recolher qualquer percentual de ganho ao autor ou seus descendentes pois quando a obra é comercializada pela primeira vez, transfere automaticamente sua posse, propriedade e valorização ao comprador, mesmo quando doadas. Portanto, ao artista cabe apenas o ganho obtido no contexto da primeira transferência.

A única vantagem que tem o artista, quando valorizado no mercado secundário é a possibilidade de melhorar o valor de suas obras no mercado primário. Como se vê a vida de Artista Visual não é fácil. Nas leituras que faço neste contexto, uma pergunta sempre surge: Porque alguém se dedica à produção artística? Esta pergunta surge a partir de algumas constatações como: a complexidade de conhecimentos, atividades e custos que um curso de Arte Visual exige; as dificuldades de inserção no circuito e no mercado; a necessidade da maioria dos artistas de manterem atividades paralelas para sustentarem sua produção artística leva alguém a escolher esta área de atuação.

Ainda assim, muitas pessoas escolhem o campo da Formação em Arte. Seria uma compulsão, um impulso incontrolável?

Não apostaria nesta motivação, mas continuaria pensando que tem a ver com o que chamei aqui de *Vocação*, esta motivação incompreensível. Por mais dificuldades ou vicissitudes que a área de Arte possa revelar, mesmo assim tem sido escolhida por muitos ao longo do tempo. Mesmo depois do advento do Modernismo que criou uma distinção razoável entre o que se entendia por Arte Aplicada, ou seja, aquelas atividades que dependiam de um conhecimento artístico mas se dedicava a produtos de consumo.

O afastamento, quase que completo, das manifestações artísticas do mercado decorativo, de design ou arquitetônico, ainda atrai pessoas dispostas a investirem um tempo de suas vidas nela. Digo um tempo de suas vidas pois sabem que estarão sujeitas, como disse, a todas as dificuldades e vicissitudes da área, mesmo assim enfrentam este desafio e, muitas, levam adiante este projeto seja no campo do ensino ou da iniciativa privada com sucesso. Outras, lamentavelmente, não conseguirão manter este projeto vivo por muitos motivos, mas mesmo assim ainda merecem respeito pois têm a coragem de tentar.

Acredito que tais pessoas querem “fazer diferença”, ou seja, atuarem na sociedade não apenas como espectadores, mas como agentes de mudanças.

Obviamente que fazer diferença não é fácil num mundo que tende a padronização de gostos e de comportamentos quase sem escolhas e reflexões por meio de educação massiva, insólita e de propagandas pasteurizadas. Mas a perspectiva de insucesso não invalida a luta, ao contrário, estimula e reforça o caráter de quem acredita que, mesmo aos poucos, é possível promover mudanças. Transformar o mundo pela Arte não parece ser possível, mas contribuir para transformar as pessoas sim.

Me desculpo pela densidade do tema escolhido e pelo texto “sem figurinhas” também.

Agradeço quem teve a paciência e perseverança de chegar até aqui. Espero ter contribuído, pelo menos, com um pouco de informação por meio desta reflexão e quem sabe conte com mais uma pessoa que compreenda e compartilhe estas preocupações sobre Arte.

Continuo na defesa de que:

Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.

Grato.